

A importância dos seminários internacionais “Fronteiras Étnico/Culturais e Fronteiras da Exclusão”

The importance of international seminars “Ethnic/Cultural Boundaries and Borders of Exclusion”

Ahyas Siss

Professor/pesquisador do PPGEduc/UFRRJ e Coordenador do Leafro/Neab/UFRRJ. E-mail: ahyassiss@gmail.com.

Resumo

Esse artigo é o resultado de avaliação crítica dos resultados da realização dos Seminários Internacionais “Fronteiras Étnico/Culturais e Fronteiras da Exclusão” promovidos pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), através de seu Programa de Pós-Graduação em Educação. Aqui são analisados seus significados e impacto nos cenários educacional regional e nacional com destaque sendo conferido à relevância e às contribuições acadêmicas por eles oferecidas aos campos da educação e das relações etnicorraciais brasileiras.

Palavras-chave

Educação. Relações Etnicorraciais. Interculturalismo.

Abstract

This article is the result of critical evaluation of the results of the achievement of International Seminars “Ethnic/Cultural Borders and Borders of the Exclusion” promoted by Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), through its Pos-Graduate Program in Education. Here are analyzed their meaning and impact on regional and national educational scenarios in Brazil with emphasis being given to the relevance and academic contributions offered by them to the fields of education and the etnicorraciais Brazilian relations.

Key-words

Education. Etnicorraciais Relationships. Interculturalism.

Introdução

Eventos acadêmicos com temática centrada nos campos de pesquisa da educação e das relações etnicorraciais eram, até bem pouco tempo, raros nas universidades brasileiras. A partir do final dos anos oitenta do século passado, porém, no interior da academia vêm se

multiplicando os debates, as análises e a produção teórica situados nesses campos. Congressos, Encontros, Seminários e Simpósios nacionais e internacionais como aqueles ocorridos em diferentes espaços acadêmicos como UCDB, UERJ, UFES, UFF, UFRRJ, UFRJ, UNESP/USP, ANPEd, ANPOCS dentre tantos outros, bem como a criação de um Grupo de Trabalho voltado para essa

temática na ANPEd (GT 21 Educação e Relações Etnicorraciais), constituem-se como momentos privilegiados de discussão e divulgação de conhecimentos, além de tornarem visíveis o crescimento e a complexificação da temática. A importância desses eventos científicos pode ser mensurada pela relevância acadêmica das pesquisas que para eles convergem, bem como pelo interesse que eles vêm despertando na academia e fora dela.

Muito embora a dinâmica do racismo e da exclusão de Afro-brasileiros e Indígenas do ensino superior público tenha se modificado em relação àquelas existentes até meados dos anos noventa do século passado e, principalmente após a Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância ocorrida na África do Sul, em Durban, no ano de 2001, essa exclusão, ou a inserção precarizada desses segmentos etnicorraciais brasileiros no ensino superior ainda é um fato entre nós. Contra essa situação vêm se posicionado muitos intelectuais Afro-brasileiros e Indígenas ou não, dentro e fora da academia, o Movimento Negro nacional, o Movimento Indígena e os NEABIs (Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas) que, junto a outras forças sociais progressistas vêm tentando modificar essa situação.

Os seminários internacionais “Fronteiras Étnico/Culturais e Fronteiras da Exclusão”

É nessa perspectiva que se inserem os Seminários “Fronteiras Étnico/Culturais

e Fronteiras da Exclusão” promovidos pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), através de seu Programa de Pós-Graduação em Educação. Eles vem ganhando crescente destaque e relevante importância acadêmica ao divulgar conhecimentos localizados na confluência das áreas das desigualdades e diversidades etnicorraciais e da educação brasileira. Esses seminários em suas várias edições vem oferecendo subsídios e orientações às ações educativas de intervenção pedagógica expressas pelas “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais” além de favorecerem o ensino da cultura Afro-Brasileira, africana e indígena ao possibilitarem a circulação de conhecimentos relacionados aos campos da educação superior e das relações etnicorraciais brasileiras em consonância com a Lei 11645/2008, que altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639/2003 as quais asseguram que

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional,

resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, 2008, p. 11).

O primeiro Seminário Internacional *“Fronteiras Étnico/culturais e Fronteiras da exclusão”* realizou-se no campus da UCDB localizado em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, entre os dias 16 e 19 de setembro de 2002. Tendo como tema “o desafio da interculturalidade e da equidade”, tinha como eixo central “A etnicidade no contexto de uma sociedade intercultural” e constituiu-se como o resultado de uma parceria entre a UCDB, outras Instituições de Ensino Superior representadas pelos seus programas de pós-graduação, um Museu, além de contar “com o apoio institucional do Conselho Indigenista Missionário – CIMI/CNBB”.

Segundo seus organizadores esse primeiro Seminário já trazia perspectiva de continuidade. Dentre seus objetivos, pode-se destacar os de promoção de intercâmbios, de discussão e articulação de diferentes perspectivas teóricas, epistemológicas e metodológicas, de promover a sedimentação de pesquisas em perspectiva intercultural, mas, “principalmente, ajudar a construir novos horizontes de educação e desenvolvimento interculturais”. Objetivava-se, ainda, o oferecimento de “subsídios para a formação de educadores e para

formulação de estratégias pedagógicas na perspectiva de educação e do desenvolvimento intercultural.”

Os temas dos Grupos de Trabalho (GT’s) sugeridos para esse primeiro Seminário permitem inferir-se a preocupação com o mapeamento de experiências com a formação de professores em perspectiva intercultural e foram os seguintes: “Análise de Experiências em Formação de Professores Indígenas”, “Análise de Experiências em Formação de Professores a partir de uma pedagogia intercultural”, “Políticas educacionais para comunidades indígenas – projetos pedagógicos” “Desafios da escola intercultural - linguagens, oralidade e escrita” e “Projetos curriculares: desafios em sua construção”.

O segundo Seminário Internacional: *Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão* aconteceu entre os dias 18 e 21 do ano de 2006, no mesmo local que aquele que o antecedeu. Tanto quanto o que o antecedeu, manifestava-se aqui a preocupação em socializar perspectivas teóricas, epistemológicas e metodológicas agora porém, na perspectiva de pesquisas que envolviam identidades negras, indígenas e dos movimentos sociais.

Os Grupos de Trabalho (GT’s), como espaços importantes de socialização e de discussão de resultados de pesquisas já finalizadas, ou daquelas em andamento são mantidos além de ampliarem-se consideravelmente, em relação ao seu antecedente. Eram eles os GT’s de “Educação indígena”, “Educação e identidade/diferença negra”, “Educação e movimentos sociais populares”, “Identidade/diferença

cultural e educação”, “Práticas pedagógicas e suas relações com a formação docente em contextos interculturais”, “Políticas educacionais/gestão da escola/ formação docente em contextos interculturais”, “Educação, saúde e interculturalidade”, “Educação e Sustentabilidade Etno-ambiental” e “Territórios, desenvolvimento e identidades”. A diversificação da temática desses GT’s permite que se perceba a importância conferida aos processos educativos que ocorrem em espaços sociais diversificados e etnicamente diferenciados.

Por outro lado a introdução, nesses seminários, de um Grupo de Trabalho voltado para o campo de pesquisa “Negro e Educação” reafirma a perspectiva multi/intercultural desses encontros, os potencializa e os insere em uma dinâmica que vem se afirmando academicamente desde as décadas finais do século passado. Concordo com Gonçalves (1997) quando ele afirma que na segunda metade da década de 1980, por exemplo, quatro grandes campos de pesquisa aí estavam bem definidos: o dos “Diagnósticos”, o dos “Materiais Didáticos”, o da “Formação de Identidades” e o dos “Estereótipos”.

O campo dos “Diagnósticos” era definido por pesquisadores que elaboravam *“diagnósticos da situação educacional dos negros no Brasil”*. Os resultados dessas pesquisas tornavam evidente que o acesso de crianças brancas e afro-brasileiras ao sistema oficial de ensino era diferenciado, com os afro-brasileiros freqüentando escolas públicas de periferia, que não contavam com professores habilitados, com materiais didáticos deficientes e nem

com instalações adequadas.

Utilizando-se de análises quantitativas, os pesquisadores desse campo tornavam evidente que as trajetórias escolares dos afro-brasileiros eram as mais acidentadas e distinguiam os mecanismos que concorriam para tanto. As pesquisas realizadas por Carlos Hasenbalg no Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), no Rio de Janeiro, e por pesquisadores da Fundação Carlos Chagas, em São Paulo, são paradigmáticas nesse campo.

O segundo campo, o dos “Materiais Didáticos”, era configurado por pesquisas fundamentadas em Althusser e na teoria da reprodução” de Bourdieu. Desnudando as ideologias que subjazem aos textos didáticos, essas pesquisas apontavam na direção dos livros didáticos e demais materiais pedagógicos como mecanismos de reprodução do sistema ao veicularem preconceitos de raça e de classe, colocando os afro-brasileiros, os indígenas, as mulheres e os operários em situação de inferioridade, naturalizando as desigualdades. *“As Belas Mentiras”* de Maria de Lourdes Nosella pode ser apontado como característico desse campo.

O terceiro campo aqui denominado como o da “Formação de Identidades” foi o mais tensionado, no entender de Gonçalves (1997) e isso porque ele reunia pesquisadores de várias áreas do conhecimento. Esses pesquisadores se impunham a tarefa de investigar e analisar questões como: de que forma são construídas as identidades dos afro-brasileiros, tanto no espaço escolar como fora dele? Pensando os processos educativos, não só como

aqueles que ocorrem na escola, mas também fora desse espaço, esses pesquisadores buscavam compreender como é possível influenciar-se no desenvolvimento da autoestima das crianças afro-brasileiras nos vários espaços educativos.

O quarto campo, o dos Estereótipos, reunia pesquisadores preocupados com a imagem dos afro-brasileiros veiculados pelos veículos de comunicação de massa, como a televisão e a mídia em geral. Entendiam eles que, tanto a televisão como os jornais e revistas competiam com a escola na formação e veiculação dos estereótipos negativos em relação à população afro-brasileira.

A produção acadêmica envolvendo campos e temáticas como Educação, Relações Raciais, Multiculturalismo e Diversidade no Brasil, no período que vai do momento imediatamente pós-abolição até o fim dos anos oitenta do século passado, muito embora tenha se constituído como qualitativamente significativa, não logrou caracterizar-se como quantitativamente expressiva¹. As pesquisas realizadas nessa área, mercê do esforço de alguns poucos e abnegados pesquisadores foram, na maioria das vezes, ou relegadas ao ostracismo, ou reduzidas à invisibilidade quando comparadas a outras áreas de produção do conhecimento nessa mesma época (HASENBALG, 1992; PINTO, 1993; SISS, 2010;

¹ Fora da academia, porém, vamos encontrar nessa época, intelectuais e militantes do Movimento Negro nacional produzindo uma farta e interessante literatura em pelo menos 14 jornais da Imprensa Alternativa negra, no eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

SILVA, 1995). A partir da primeira metade dos anos noventa, porém o panorama dessa produção começará a se transformar, tanto quantitativa como qualitativamente.

Essa transformação será propiciada, por fatores como o aparecimento de pesquisas de vulto nessa área temática, pesquisas essas que, em grande parte, se constituem como o resultado de discussões e análises elaboradas na segunda metade da década passada, no interior de importantes movimentos sociais como os movimentos negros nacionais, os novos movimentos sindicais, o Movimento Feminista e o Movimento de Mulheres Negras, para citar apenas alguns.

Muito embora a dinâmica do racismo e da exclusão dos afro-brasileiros do ensino superior público tenha se modificado principalmente após a Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância ocorrida na África do Sul, em Durban, no ano de 2001, essa exclusão, ou inserção precarizada dos afro-brasileiros no ensino superior ainda é um fato. Contra essa situação vêm se posicionando muitos intelectuais, afro-brasileiros ou não, dentro e fora da academia, os Movimentos Negros e os Neab's (Núcleos de Estudos Afro-brasileiros) que, junto a outras forças sociais progressistas vêm tentando modificar essa situação. Os Neab's estão presentes na maioria das universidades brasileiras, atuando nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão, produzindo e divulgando conhecimentos localizados na confluência das áreas da educação, das desigualdades e das diversidades étnicor-

raciais buscando favorecer o ensino da cultura afro-brasileira, africana e indígena. Ao implementarem parcerias com diferentes órgãos dos governos federal, estadual e municipal, eles ampliam e consolidam sua intervenção na área da educação e em todos os seus níveis, bem como nos processos de formação de professores nos seus aspectos inicial e continuado. Ao produzirem e divulgarem diferentes materiais didáticos e de intervenção etnicamente enviesados no campo educacional os Neab's vêm operando uma das mais significativas tentativas de se redefinir o papel que a escola historicamente desempenha entre nós.

Pesquisadores e pesquisadoras de diferentes Neab's vêm participando dos seminários internacionais *Fronteiras Étnico/Culturais e Fronteiras da Exclusão*, apresentando e discutindo os resultados de suas pesquisas desenvolvidas em diferentes universidades envolvendo os campos da educação e das relações etnicorraciais negras e indígenas.

Se aos primeiro e segundo Seminários Internacionais *Fronteiras Étnico/Culturais e Fronteiras da Exclusão* corresponde a fase que entendo como de institucionalização desses eventos acadêmicos, a terceira e quarta versões desses seminários inserem-se no que considero como sendo sua fase de solidificação. Sua periodicidade (bianual) é mantida, o que contribuiu para uma presença maior de pesquisadores, pesquisadoras e estudantes nos eventos.

No que diz respeito ao terceiro Seminário Internacional ocorrido entre os

dias 22 e 25 de setembro de 2008 nas dependências da UCDB seu tema mais geral referiu-se às Identidades/Diferenças Culturais em Contextos Pós-Coloniais com as identidades/diferenças dos indígenas, dos afrodescendentes e aquelas existentes nos movimentos sociais/populares ganhando aqui caráter de centralidade. Os Grupos de Trabalho desse evento desdobraram-se para poder acolher a todos. Assim é que o GT1 "Educação Indígena em Contextos Pós-Coloniais" foi subdividido em A, B, e C. O GT2 "Educação e Identidade/Diferença Negra em Contextos Pós-Coloniais" não precisou ser dividido. O GT3 "Identidade/Diferença Cultural e Educação em Contextos Pós-Coloniais" desdobrou-se em A e B. Os GT's 4 "Práticas Pedagógicas e suas Relações com a Formação Docente em Contextos Pós-Coloniais" e 5 "Identidade, Gênero e Corporiedade" não precisaram se subdividir mas, o GT 06 "Território, Desenvolvimento e Identidades" desdobrou-se em A, B e C. A elevada presença de pesquisadores, pesquisadoras, alunos e de representantes de diversos movimentos sociais presentes às diversas atividades acadêmicas deste seminário são indicadores positivos de sua importância.

O mais recente desses eventos, o *IV Seminário Internacional: Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão* ocorreu entre os dias 20 e 23 de setembro de 2010. "A escola como espaço/tempo de negociação das identidades/diferenças" foi seu tema aglutinador. Como seus precedentes, ele ocorreu nas dependências da UCDB, sendo voltado preferencialmente para pesquisadores, educadores, acadêmicos

de graduação e pós-graduação, lideranças e membros de movimentos sociais populares, representantes de órgãos públicos e outros interessados na temática.

Ele privilegiou diálogos sobre escola como tempo/espaço de negociação das identidades/ diferenças, buscando fortalecer redes de pesquisa regionais, nacionais e internacionais sobre a temática em pauta. A socialização de pesquisas cujas lentes focassem as relações entre escola como tempo/espaço de negociação das identidades/diferenças, sobre interculturalidade, movimentos sociais indígenas, negros, feministas e populares e o incentivo ao estabelecimento de articulações entre “conhecimentos acadêmicos e as outras formas de conhecimento tendo em vista uma escola intercultural” constituíram-se como eixos privilegiados.

Seus Grupos de Trabalho articularam-se em torno desses eixos e da temática do Seminário abordando temas como “Escola e indígenas” (GT1), “Escola e identidade/diferença negra” (GT2), “Escola e movimentos sociais populares” (GT3), “Escola e identidade /diferença cultural” (GT4), “Práticas pedagógicas interculturais nas escolas e formação docente” (GT5), “Políticas educacionais/ gestão da escola/ formação docente” (GT6), “Escola, saúde e sustentabilidade” (GT7) e “Escola, identidade e gênero” (GT8).

É digno de nota o fato de que, com algumas variações, a preocupação com as práticas pedagógicas se faz presente em todos esses seminários e se materializa em seus GTs o que significa estar-se intervindo positivamente nos processos de

formação de professores nos seus aspectos inicial e continuada de forma a possibilitar a construção de novas subjetividades, de mudança de atitudes frente às relações de dominação e de exclusão, tanto no interior da instituição escolar, quanto na sociedade.

Essa intervenção se faz relevante principalmente quando inserida em perspectiva inter/multicultural, o que se constitui como dos principais desafios contemporâneos colocados para os diferentes cursos de licenciaturas em todo o país contemporaneamente. Dificilmente alguém, hoje, desconheceria o fato de que somos uma sociedade multicultural e que a sociedade brasileira seja racista, ainda que nenhum de nós o seja. Racista é, sempre, o outro. Não obstante, a formação de professores continua a acontecer como se fôssemos uma sociedade monocultural. Ainda que as desigualdades de classe sejam abordadas, a abordagem multicultural da sociedade e seu correspondente na educação permanecem, quase sempre, fora dos currículos que orientam tal formação.

Creio não ser difícil constatar-se que a sobrevida do mito da democracia racial se faz presente hoje e atua com relativa intensidade na maior parte dos currículos dos Cursos de Formação de Professores. Ainda que não se possa negar o caráter multicultural da sociedade brasileira, os currículos dos cursos de formação de futuros docentes, com honrosas exceções vem, sistematicamente, ignorando as contribuições que as pesquisas elaboradas em perspectiva multicultural oferecem ao processo de formação de professores. Educar para a convivência democrática em

uma sociedade tão autoritária, desigual, preconceituosa e discriminadora como o é a brasileira implica certamente, no respeito às diversidades o que só é possível através da mudança de atitudes e de valores, até mesmo porque

[...] não basta a lógica da razão científica que diz que biologicamente não existem raças superiores e inferiores, como não basta a moral cristã que diz que perante Deus somos todos iguais [...]. Como educadores, devemos saber que apesar da lógica da razão ser importante nos processos formativos e informativos, ela não modifica por si o imaginário e as representações coletivas negativas que se tem do negro e do índio na nossa sociedade. Considerando que esse imaginário e essas representações, em parte situados no inconsciente coletivo, possuem uma dimensão afetiva e emocional, dimensão onde brotam e são cultivadas as crenças, os estereótipos e os valores que codificam as atitudes, é preciso descobrir e inventar técnicas e linguagens capazes de superar os limites da razão pura e de tocar no imaginário e nas representações. (MUNANGA, 2005, p. 14).

Esses Seminários têm propiciado reunir, nas suas edições, pesquisadores e pesquisadoras nacionais e internacionais com pesquisas realizadas nos campos da educação e das relações etnicorraciais que, ao longo dos anos vem apresentando e discutindo os resultados de suas pesquisas nesses eventos. A significativa presença de pesquisadores, pesquisadoras, alunos, alunas e de representantes de diversos movimentos sociais presentes às diversas atividades acadêmicas nesses Seminários são indicadores positivos da importância desse evento, único com essa temática em um estado brasileiro que concentra grande parcela de populações indígenas e afro-brasileiras. Parcela desses pesquisadores participou de quase todos os eventos aqui citados. Tal fato aponta na direção do amadurecimento, revisão e consolidação de temáticas desse campo, bem como no estabelecimento de parcerias e intercâmbios, além de contribuir para a solidificação de diferentes grupos de pesquisas. As relevantes contribuições que esse evento vem oferecendo aos campos da educação e das relações etnicorraciais justificam sua esperada continuidade.

Referências

BRASIL. *Distrito Federal*. Brasília: Senado Federal, 2008.

GONÇALVES, L. A. O. *Diversidade e multiculturalismo*. Palestra. UFF/1997. [Mimeo]

HASENBALG, C. A.; SILVA, N. do V. *Relações raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

MUNANGA, K. *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC/Secad, 2005.

PINTO, R. P. Movimento negro em São Paulo; luta e identidade. 1993. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 1993.

SILVA, P. B. G. M. *Movimento negro*: educação e produção do conhecimento de interesse dos afro-brasileiros. Comunicação Apresentada à ANPEd, 1995. [mimeo]

SISS, A. Afro-brasileiros e educação: anotações para discussão. *Revista Nuevamerica*, Rio de Janeiro, 2010.

Recebido em março de 2011.

Aprovado para publicação em abril de 2011.

